Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

A POTENCIALIDADE DA LINGUAGEM MUSICAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA: fluxos migratórios no Brasil na canção 'Fotografia 3x4' de Belchior

Lucas Pinheiro Paula
lucas13pinheiro@gmail.com

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7391-2866

Ane Elyse Fernandes Silva
aneelysefernandes@hotmail.com

Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5304-3907

Carla Cristiane Nunes Nascimento
carlacrisnunes@gmail.com

Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professora da Faculdade Metodista Granbery.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6445-4998

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma proposta de aula de Geografia colocando em evidência uma prática de ensino que considere a música como rico aporte metodológico e didático. Exemplificando essa força da música capaz de conduzir toda uma proposta – não apenas como um apêndice, abordamos o conteúdo 'Fluxos Migratórios no Território Brasileiro', a partir da canção 'Fotografia 3x4' de Belchior (1946-2017). Para a construção da proposta, realizamos um levantamento bibliográfico de trabalhos acadêmicos publicados em anais e revistas, cuja temática abordasse o emprego deste tipo de linguagem (musical) na área da Geografia Escolar. A partir das leituras, constatamos a existência de uma carência em referências que, de fato, conseguissem explorar concretamente a potencialidade desta linguagem no âmbito da ciência geográfica e de seu ensino. Acreditamos que a música é capaz de contribuir sensivelmente no processo de renovação da prática docente em Geografia. Ainda, para além disso, apostamos em sua capacidade de promover uma dinamização do processo de ensino e aprendizagem, independente do componente curricular que a traga para o centro de seus debates.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia escolar, Linguagem musical, Fluxos migratórios no Brasil.

THE POTENTIALITY OF MUSIC LANGUAGE IN GEOGRAPHY TEACHING: migratory flows in Brazil in Belchior's song '3x4 Photography'

ABSTRACT

In this article, we present a Geography class proposal highlighting a teaching practice that considers music as a power. Exemplifying the Strength of the Multiple Musical Task with the theme 'Migratory Flows in the Brazilian Territory', from the song 'Fotografia 3x4' by Belchior (1946-2017). The evaluation of this study the subject of classical students work in anal and magazines, where it has approached the use of this type of language (musical) in the area of the School Geography. From the readings, we found the existence of a lack of references that, in fact, could concretely explore a potentiality of language in the space of geographical science and its teaching. We believe that music is able to significantly promote the process of updating Geography documentation. In addition, they bet on their ability to promote the dynamics of the teaching and learning process, an independent component of the curriculum that brings them to the center of their debates.

KEYWORDS

School geography, Musical language, Migratory Flows in Brazil.

Introdução

Nesse primeiro quartel do século XXI, a escola brasileira ainda apresenta-se, não raro, como um espaço pouco atrativo para boa parte dos discentes, os quais, por vezes, veem-na enquanto certa obrigação imposta pelos pais e/ou responsáveis ou como lócus para o *bullying*, incompreensão e pressão psicológica. Contudo, sabe-se que apesar da complexidade que envolve tal questão, o desinteresse muitas vezes, também está atrelado a um processo de ensino e aprendizagem que se mantém engessado, visto que segue reproduzindo práticas de ensino maçantes comuns ao início do século passado, as quais não acompanharam as intensas mudanças que ocorreram no tempo e no espaço.

O presente artigo considera que a utilização de diferentes linguagens no ensino corrobora para que se desenvolvam novas estratégias e ações pedagógicas que visem despertar maior interesse dos alunos. Tal proposta, de certa forma, responde também– guardadas as críticas que nesse momento nos absteremos de fazer – à Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que destaca dez competências gerais que devem ser desenvolvidas ao longo de toda a Educação Básica. Entre elas, vinculada à nossa proposta, podemos destacar a quarta competência que busca instigar a utilização de

distintas linguagens no ensino, destacando-se assim, que o conhecimento e a informação também podem ser expressados em linguagem corporal, visual, sonora e digital.

Reconhecemos, porém, que tal problemática – a da pouca atratividade do ambiente escolar – não será resolvida apenas pelo emprego de uma linguagem diversa no ensino, mas por considerá-la palpável de ser praticada pelos docentes no atual cenário educacional, a destacamos como uma ferramenta com grande capacidade em proporcionar um processo de ensino e aprendizagem mais interessante e instigante.

A proposta de construção deste artigo emergiu a partir da solicitação de um trabalho no interior de uma disciplina vinculada ao Ensino de Geografia. O desafio colocado era criar uma proposta de aula que incorporasse o emprego da música enquanto linguagem central nas aulas de Geografia. Soma-se a isso que, no decorrer das leituras de textos acadêmicos e de revistas científicas, constatou-se dada carência no quantitativo de referências que, de fato, conseguissem explorar concretamente a potencialidade deste instrumento no âmbito da ciência geográfica. Isso, consequentemente, reiterou o nosso interesse em compartilhar as ideias e proposições decorrentes do trabalho empreendido, enquanto forma de instigar e contribuir para que novas práticas didáticas consigam ser aplicadas em sala de aula.

Com base nisso, acredita-se que a divulgação da iniciativa pode despertar outros professores na busca por desvendar e conhecer outros recursos metodológicos para incorporarem ao seu exercício docente. Acreditamos que tal experiência pode multiplicar-se em novas ideias e novas proposições fecundas no ambiente escolar, reiterando assim, a necessidade de divulgar propostas, como a nossa, que desafiam o pensar para além do que já está posto na escola, de modo geral – no caso, o modelo assentado na reprodução do livro didático e da aula meramente expositiva protagonizada apenas pelo professor.

Escola e Geografia: críticas aos modelos tradicionais

De acordo com o decurso da história do pensamento geográfico no Brasil, tal ciência institucionaliza-se em nosso país por volta da década de 1930, a partir da criação das primeiras faculdades de Filosofia, bem como de órgãos correlacionados, destacando-se o papel primordial e inovador exercido pelo o Conselho Nacional de Geografia (CNG), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) neste período (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Só em meados da década de 1990, que se observa uma acentuação das críticas, sobretudo à Geografia Tradicional, no cerne da Geografia brasileira, por meio da aproximação com a vertente crítica da Geografia – devido à forte influência do pensamento marxista – tendo como grande marco, a realização do Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) de 1978, em que começam a se destacar as contribuições de geógrafos como William Vesentini, Ruy Moreira e Carlos Walter Porto-Gonçalves. Em paralelo, notam-se outros movimentos, como o da Geografia Humanista, vinculada principalmente, aos estudos desenvolvidos por Lívia de Oliveira sob o viés piegetiano-construtivista. Logo, no ensino, é neste período, que se organiza uma tentativa de reestruturação da proposta instituída no país, buscando-se assim, reiterar a competência sociopolítica da Geografia numa visão de formação cidadã e crítica (ZANATTA, 2010).

Todavia, Zanatta (2010) aponta que, apesar dos avanços obtidos no âmbito da história do pensamento geográfico no Brasil, tais contribuições não foram tão bem incorporadas às práticas didático-pedagógicas presentes nas salas-de-aulas das escolas públicas e privadas do país. Conforme ressalta Barbosa (2006), apesar do aparente rompimento com a Geografia Tradicional e Teorética frente a prevalência da Geografia Marxista e Humanista no âmbito acadêmico, a Geografia Tradicional ainda se faz presente dentro das escolas e ao se analisar livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, por exemplo.

Durante a década de 1990, com a ascensão da corrente crítica, o ensino de Geografia reforça seu vínculo com a concepção crítico-dialética, em que as propostas de ensino para a reestruturação da Geografia nas escolas, tanto oficiais – através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – quando alternativas – discutidas pelos principais autores sobre ensino de Geografia, como Lana Cavalcanti, Nestor Kaercher e Helena Callai – apresentavam elementos da corrente crítica, com forte orientação pelo viés marxista. Assim, é sob a corrente da Geografia Crítica que o ensino de Geografia se consolida quanto disciplina escolar no final do século XX e início do século XXI no Brasil (ZANATTA, 2010).

Apesar da Geografia Crítica surgir com uma proposta transformadora, com a promessa de fortificar um ensino voltado para explicar o espaço geográfico, sob a ótica de que ele é uma produção social, isto é, produzido e reproduzido pela sociedade, nota-se que essa mudança não fora completamente absorvida no âmbito da sala de aula. Assim, o ensino de Geografia no século XXI, na prática, ainda não conseguiu dialogar com toda discussão teórica que vem sendo elaborada na academia, o que consequentemente, resulta muitas vezes, em aulas com uma abordagem do conteúdo

geográfico dada de forma superficial, deixando o teor crítico aquém do que o almejado teoricamente. Além disso, evidencia-se também que as práticas pedagógicas adotadas não atendem as necessidades de um ensino de qualidade, pois, constituem-se na propagação de metodologias arcaicas e que estão, por vezes, desassociadas do cotidiano dos próprios alunos. Sendo assim, esses dois fatores contribuem para que desenvolva-se um ensino de Geografia que não desperta o interesse do aluno em relação aos saberes geográficos correlacionados (ZANATTA, 2010; BARBOSA, 2006).

Por que usar outras linguagens?

A Geografia como disciplina escolar é associada por muitos alunos, ainda hoje, como a disciplina que estuda 'as coisas', tanto as coisas da natureza, quanto aquelas construídas e transformadas pelo homem, além de ser rememorada como aquela que é responsável por evocar nomes, sejam eles de rios, montanhas, cidades, capitais ou regiões. Ademais, o ensino de Geografia ainda apresenta uma valorização da memória em que os conteúdos são vistos de maneira superficial, fornecendo aos alunos um ensino de caráter mecânico e mnemônico. Por isso, é comum encontrar salas de aulas onde as práticas adotadas são centradas em aulas expositivas e que se utilizam do livro didático como único recurso pedagógico. Nessa perspectiva de ensino, os alunos são vistos como receptáculos no processo de aprendizagem, o que contribui para que a Geografia siga sendo vista como um conhecimento enfadonho (SCHÄFFER *et al*., 2011).

O século XXI representa a expansão cada vez maior da era técnico científico-informacional, e, diferentemente de tempos anteriores, a informação está cada vez mais disponível em curto espaço de tempo e em várias formas, como: a televisão, Internet, livros digitais, filmes, documentários, jogos e diferentes outras possibilidades de propagação informacional. Entretanto, o modelo de escola que construímos aparentemente não consegue incorporar tais mudanças socioeconômicas e culturais, provocando-se assim, um hiato entre os métodos de ensino empregados e os avanços tecnológicos e de conhecimento disponíveis na contemporaneidade.

Sendo assim, nota-se que a superação de uma prática de ensino tradicional na Geografia está atrelada a diversos fatores, como o desafio de se adotar: postura crítica em relação à produção do espaço geográfico; temas de relevância socioespacial; utilização dos conceitos próprios da ciência geográfica; superação da dicotomia física-social/humana e a utilização de diferentes linguagens no processo de aprendizagem. O último fator em questão é o que nos instiga a pensar acerca de novas formas de abordagem dos

conteúdos programáticos da Geografia, tendo como fio condutor, o aporte de outras estratégias teórico-metodológicas no âmbito do processo de ensino e aprendizagem. Com isso, defende-se a necessidade de acolher novos recursos e meios para o exercício da prática docente, sejam eles, de caráter lúdico, tecnológico etc. Desta forma, eis aqui o desafio do professor de Geografia: incorporar, às suas aulas e projetos, instrumentos que sejam capazes de instigar e despertar a curiosidade dos alunos, a fim de que contribuam para desconstruir o tedioso e, por vezes, inútil ensino de Geografia que ainda persiste em nossas escolas.

Logo, esse trabalho ressalta a música como uma das diversas linguagens que detém potencialidades para cumprir esse papel de transformação do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, é algo comumente presente no cotidiano dos alunos, bem como, de fácil acesso para os mesmos. Além disso, a música, por si só, possui características específicas, pois, tanto mexe com nossas apreensões sobre aquilo que nos cerca e em relação ao que vivenciamos, quanto nos remete lembranças e conhecimentos arraigados. Por isso, ela transforma-se numa das opções teórico-metodológicas para a própria Geografia, visto que, a partir de suas melodias, canções e letras, traz consigo, diversas interpretações e reflexões sobre as relações socioculturais existentes – perpassando desde os aspectos físico-materiais quanto histórico-simbólicos.

A música como linguagem no ensino de Geografia

Enquanto uma expressão de dada realidade, a música expõe as fortes contradições socioeconômicas, políticas e culturais presentes no cotidiano dos alunos, o que, consequentemente, a transforma em importante instrumento de diálogo e de identificação deles perante o 'mundo-que-aí-está'. De acordo com Oliveira e Holgado (2012), na escola é possível identificar como os alunos conversam sobre músicas, gêneros musicais, lançamentos etc. Logo, é comum ao andar pelos pátios e observar alunos escutando músicas, o que elucida o quão presente tal recurso é no dia-a-dia desses jovens e adolescentes, podendo ser considerado também, como subterfúgio àquilo que são submetidos no decorrer da própria dinâmica escolar, por exemplo.

Além das questões já evidenciadas acima, a utilização da música justifica-se por uma questão biológica, visto que tem o potencial de provocar diversos benefícios ao corpo humano comprovados no âmbito da neurociência. A música vem sendo empregada em tratamentos de saúde, controle de ansiedade, diminuição de dor, além de despertar sentimentos, sensação de prazer e conforto. Logo, nessa perspectiva, reitera-se

como a utilização da música enquanto linguagem pode levar a um processo de ensino aprendizagem prazeroso e estimulante, tanto para os alunos, quanto para o próprio professor (SOUZA, 2016).

Segundo aponta Silva (2015), o Brasil detém uma ampla diversidade de estilos musicais, os quais conseguem retratar múltiplos arranjos regionais existentes, que tanto são frutos das influências dos povos e etnias que participaram do decurso de formação da sociedade brasileira, bem como dos processos migratórios que se sucederam, neste ínterim, em cada região do país. Observa-se assim, que tais composições abarcam os olhares interpretativos de seus autores frente as problemáticas sociais, econômicas, políticas e culturais relativas ao contexto histórico e geográfico em que estão inseridos. Por isso, é imprescindível que se reconheça a potencialidade do uso da música enquanto recurso didático nas aulas de Geografia, visto que os ritmos e as melodias – tão abundantes e ricas no contexto brasileiro – conseguem promover o intercurso entre a realidade cotidiana dos alunos e os conteúdos pragmáticos a serem abordados (SOUZA, 2016).

Neste sentido, o emprego da música na sala de aula transforma-se num emaranhado de possibilidades para se discorrer sobre os diversos conteúdos correlacionados à ciência geográfica, como por exemplo, a dinâmica do ciclo hidrológico através da canção Planeta Água de Guilherme Arantes e a questão da seca no Nordeste por meio da toada Voz da Seca de Luiz Gonzaga. Isso, por sua vez, permite que os alunos reconheçam novas ferramentas de estudo e de aprendizagem, os quais estão comumente presentes no seu dia-a-dia dentro e fora do ambiente escolar, facilitando, assim, que ocorra uma revisão do próprio modo de se conceber o ensino de Geografia no contexto escolar, desconstruindo a visão de que tal disciplina é tediosa, insossa e meramente descritiva, já que o empodera de novos saberes, os quais contribuem para a formação de um olhar crítico da realidade em que cada aluno está inserido (OLIVEIRA; HOLGADO, 2012).

Logo, é preciso que a escola, enquanto um dos lócus de formação do ser humano, consiga, de fato, usufruir dos avanços tecnológicos cada vez mais presentes no cotidiano dos alunos, bem como buscar práticas pedagógicas que visem superar o modelo tradicional de ensino, assentado no material didático e aulas expositivas. Por isso, o emprego da música nas salas de aula de Geografia é um importante instrumento de diálogo e interlocução entre o professor e o aluno, uma vez que constitui-se numa linguagem didática que estimula a curiosidade, incentiva a participação e reconhece o estudante como sujeito-ator ativo no decurso do processo de ensino e aprendizagem,

rompendo-se assim, com a visão simplista de que os alunos são meros receptáculos e agentes passivos deste decurso (SILVA, 2015).

Pontuamos que o uso da música como linguagem didática exige bastante planejamento por parte do docente, uma vez que precisa definir, da melhor maneira possível, questões como: 1) O que será abordado; 2) Relevância; 3) Como a música será inserida na dinâmica da aula; e, 4) Para que tal escolha servirá em relação à Geografia, propriamente dita. Destarte, isso é necessário para evitar que a utilização desta ferramenta torne-se apenas um mero detalhe ao longo da proposição do conteúdo. Por isso, é imprescindível que, durante a construção do plano de aula, o professor consiga desenvolver mecanismos, os quais promovam, efetivamente, diálogos com a temática abordada além de instigar o aluno a debater e ponderar sobre o que está sendo retratado, tendo como base, aspectos cotidianos e próximos de sua realidade (SILVA, 2015).

Nessa perspectiva, Oliveira e Holgado (2012) afirmam que mesmo que a música utilizada para a aula não se constitua numa unanimidade com relação ao gosto musical dos alunos, ela ainda manifesta a curiosidade e desperta a atenção por parte dos discentes, que além de conhecer novos estilos musicais e novas músicas, poderão desfrutar de uma aula que foge ao padrão entediante que estão acostumados.

Um pouco de 'Fotografia 3x4'

Para elucidar tal abordagem, partimos da música 'Fotografia 3x4', do compositor Antônio Carlos Belchior, que ficou mais conhecido apenas como Belchior. O cantor e compositor brasileiro nasceu no Ceará e tornou-se um grande nome da Música Popular Brasileira (MPB) a partir de meados da década de 1970, logrando à uma carreira consagrada por grandes sucessos, os quais lhe renderam prêmios e reconhecimentos importantes[1].

Ao realizar uma análise das canções de Belchior, de maneira geral, é possível caracteriza-las como críticas a situações vigentes à época – o que dava às suas músicas uma perspectiva negativa sobre o contexto socioeconômico, político e cultural. Belchior, em suas letras, manifesta também um engajamento político, bem como seu sentimento latino-americanista. Ademais, outro aspecto marcante nas obras de Belchior são suas críticas a 'arte alegre', fazendo, até mesmo, algumas provocações a outros cantores da

[1] Sua canção 'Como Nossos Pais' foi escolhida como a quadragésima terceira maior música do Brasil em 2009, além de ser considerado a quinquagésima oitava maior voz do país pela *Rolling Stone* Brasil em meados de 2009 e 2012, respectivamente.

Música Popular Brasileira (MPB), que lhe eram contemporâneos, os quais aparentemente produziam canções retratando uma falsa alegria, o que, na visão de Belchior, era incompatível com o respectivo período histórico vivenciado no país.

Assim, de fato, ele era um compositor reflexivo e suas canções expressavam suas próprias interpretações sobre o que ocorria naquele tempo e espaço e é justamente por isso – pelos fatores socioeconômicos, políticos e culturais que elenca – que é preciso embrenhar-se sobre tais canções para melhor compreender as suas próprias potencialidades no âmbito do ensino de Geografia.

A canção 'Fotografia 3x4' é bastante elucidativa dessa postura do artista. Belchior traz para a cena principal as classes sociais empobrecidas e todo o processo por detrás do deslocamento do migrante nordestino para outras regiões, principalmente, para o estado de São Paulo. Através desta composição, ele traz ao ouvinte um pouco de sua própria história, identificando-se como migrante, expõe fatores de expulsão que leva alguém a abandonar sua terra natal em busca de melhores condições de vida, além de ressaltar os percursos e dificuldades vivenciadas para alcançar o destino final. Conforme aponta Sartorelli (2016), suas canções "foram impregnadas pela frustração de não ter colocado em prática o projeto por um mundo melhor, e sua música é mais verdadeira e mais revolucionária por isso: não promete felicidade, mas escancara a impossibilidade dela no estado de coisas vigente".

Destarte, na música 'Fotografia 3x4' percebe-se que a história de Belchior mistura-se com a narrativa presente na sua letra, uma vez que reflete as descobertas, desilusões e sentimentos vivenciados por seu próprio autor, ao longo do seu deslocamento do Ceará para São Paulo. Por esse motivo, possivelmente, Belchior retrata tão bem as consequências do processo de migração, elencando desde o encantamento inicial com o novo lugar às dificuldades enfrentadas pelo migrante:

Letra da música: Fotografia 3x4

‘Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei
Jovem que desce do Norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
E de ver o verde da cana

Em cada esquina que eu passava um guarda me parava
Pedia os meus documentos e depois sorria
Examinando o 3x4 da fotografia
E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha

Pois o que pesa no Norte, pela lei da gravidade
Disso Newton já sabia: cai no Sul, grande cidade
São Paulo violento, corre o Rio que me engana
Copacabana, Zona Norte e os cabarés da Lapa onde eu morei

Mesmo vivendo assim, não me esqueci de amar
Que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar
Mas a mulher, a mulher que eu amei
Não pôde me seguir não

Esses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem
Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai viver na rua
A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
e pela dor eu descobri o poder da alegria
e a certeza de que tenho coisas novas, coisas novas pra dizer

A minha história é talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte
Que no sul viveu na rua
E que ficou desnorteado, como é comum no seu tempo
E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
E que ficou apaixonado e violento como eu como você

Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você que me ouve agora
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você.’

Fonte: Antônio Carlos Belchior. Fotografia 3x4. Rio de Janeiro: 1976.

A música ‘Fotografia 3x4’ evidencia, assim, o processo migratório interno brasileiro em direção à região Sudeste, que tinha como destino principal as grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. Esse processo migratório deu-se pela busca do nordestino por novas oportunidades de emprego e melhores condições de vida, já que dantes encontrava-se em uma região eminentemente agrícola, pouco desenvolvida economicamente – por razões políticas, e que ainda passava pelo agravante das secas. Nessa perspectiva, o Sudeste que se industrializava e se desenvolvia impulsionado pela economia cafeeira do século XIX revelava-se como um polo de atração para as demais áreas do país.

Com base na análise da canção, é possível perceber que em seu início, Belchior apresenta um pequeno relato sobre a sua saída do 'Norte' em direção ao Sudeste, evidenciando o sofrimento na sua terra de origem e o encantamento com que se depara ao chegar ao novo lugar - marcado pela paisagem do verde da cana. Além disso, vale ressaltar que o 'Norte' que Belchior coloca em sua canção é distinto do 'Norte' que conhecemos atualmente, uma vez que, a música fora lançada[2] na década de 1970, durante a qual, não havia uma divisão regional política como a que usamos hoje em dia.

Por conseguinte, a canção retrata as primeiras dificuldades vivenciadas pelo migrante no seu novo destino, que passa inicialmente pelo estranhamento dos moradores 'locais' com o imigrante. Posteriormente, o próprio migrante reconhece que tal local não se apresenta tão encantador quanto à primeira impressão, visto que ele terá que conviver com os problemas sociais das cidades grandes, como por exemplo, a violência e o desemprego. Diante do desencantamento do personagem com o seu ponto de chegada, a música relata, a partir daí, a saudade do migrante frente ao que ele deixou pra trás em sua terra natal, destacando a mulher a mulher amada. Além disso, é válido enfatizar, como tal canção elucida a crítica de Belchior à arte alegre ilustrada sobre o jogo de palavras no seguinte trecho: "Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai viver na rua", confrontando assim, uma canção de autoria do cantor e compositor Caetano Veloso.

No final de "Fotografia 3X4, Belchior aproxima-se ainda mais do ouvinte, pois, mostra como a história dele próprio é parecida com a dos demais migrantes que foram para a cidade grande e viveram uma vida de luta e dificuldade. É evidente como tal canção, ao retratar um pouco do movimento migratório interno brasileiro ocorrido na década de 1970, correlaciona-o com os demais fatores a ele vinculados, como a intensificação do processo de urbanização no Centro-Sul do país, bem como o aumento da oferta de mão-de-obra barata nas cidades grandes – principalmente o eixo Rio-São Paulo – além de expor tal processo sob a perspectiva do próprio migrante.

Nessa perspectiva, a música possibilita uma discussão a respeito de um importante conteúdo geográfico a ser abordado no Ensino Fundamental II e, posteriormente, no Ensino Médio, uma vez que constitui-se numa peça crítica e política sobre o processo migratório inter-regional ocorrido no Brasil, reiterando-se assim, a potencialidade que o uso da música no Ensino de Geografia detém como mecanismo de

[2] É preciso destacar que é neste mesmo ano que se inicia o transcurso de regionalização do Brasil para um modelo próximo daquele que conhecemos e segue em vigor atualmente.

interpretação do decurso histórico-geográfico e social que caracteriza a sociedade brasileira.

Uma proposta com 'Fotografia 3x4'

A proposta de aula foi idealizada tendo como público-alvo uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, seguindo-se como orientações aquelas postas nos Conteúdos Básicos Comuns (CBC) do estado de Minas Gerais e da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nessa perspectiva, a proposta enquadra-se, no âmbito da CBC, no tópico acerca da 'Segregação Espacial' nos conteúdos referentes a Urbanização no Brasil e Movimentos Migratórios. Já na BNCC, o projeto enquadra-se no Eixo Temático 'Conexões e escalas', no Objetivo de Conhecimento 'Formação Territorial do Brasil' e desenvolvendo a habilidade de "analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas" (BRASIL, 2018).

A partir disso, optamos pelo recorte temático relacionado a 'Dinâmica da População Brasileira', com o assunto Migrações Internas. Logo, o objetivo geral da proposta trata-se de compreender quais foram os principais eixos de fluxos migratórios ocorridos no território brasileiro, a partir da década de 1950 até os dias atuais. Além disso, a ideia propõe que os alunos entendam o conceito de migração interna; reflitam sobre os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que contribuíram para a intensificação e/ou diminuição destes fluxos migratórios ao longo deste período; correlacionem as dinâmicas migratórias da população brasileira com o momento histórico vivenciado e, por fim, que identifiquem os principais problemas relacionados às migrações para os grandes centros urbanos.

É importante ressaltar que a proposta em questão deve ser abordada somente após os estudantes adquirirem conhecimentos prévios relativos à demografia, origem e formação do povo brasileiro e a distribuição territorial da população. Além disso, parte-se do pressuposto que anteriormente a essa proposta, os alunos estudaram os conceitos básicos de fluxos migratórios, tais como: a diferenciação de emigrante, imigrante, transumância e migração pendular.

A proposta baseia-se em uma aula expositiva e dialogada, e como já mencionado, tendo como ferramenta-base a música 'Fotografia 3x4' de Belchior. Porém, é preciso explicar que a música não será a única linguagem aqui abarcada, já que

buscou-se articulá-la com o uso de outros instrumentos, como mapas e charges. Todavia, é a música quem permeia todo o processo, visto que o objetivo não é utilizá-la apenas como uma ilustração do conteúdo dado no transcurso da aula.

Desenvolvendo a proposta

Inicialmente, parte-se do pressuposto de que, na aula anterior, os alunos tiveram como atividade para a casa, a realização de uma pesquisa. Nessa atividade, cada um deveria conversar com os pais e/ou responsáveis sobre a trajetória de suas famílias, podendo trazer elementos que caracterizem-na, como fotografias e documentos. Em seguida, serão escolhidos, pelo menos três alunos para relatarem suas descobertas, a fim de instigar a participação dos demais, partindo-se das seguintes indagações: 'Você nasceu nesta cidade?', 'De quais cidades seus familiares são?' e 'Quais foram os motivos que levaram a seus familiares a virem para essa cidade?'.

Após os relatos dos alunos, inicia-se a reprodução da música, sendo que, neste momento, é aconselhável pedir que prestem atenção à música apenas ouvindo-a, buscando identificar alguns elementos relacionados às discussões previamente realizadas. Posteriormente, o professor deverá entregar a letra impressa da música 'Fotografia 3x4' de Belchior para leitura mais detalhada. A partir disso, deve-se questioná-los se é possível identificar correlações com o que já fora discutido sobre as histórias de suas famílias, sendo que, é importante nessa parte, abrir espaço para que os alunos manifestem suas percepções.

Posteriormente, poderá ser promovida uma discussão com os alunos baseada em perguntas norteadoras como: 'Qual o tema em destaque nesta música?', 'Conforme já visto anteriormente, é possível identificar qual o movimento migratório relatado pelo cantor?', 'Neste caso, é possível identificar, pelo menos, um dos fatores que levaram a esse deslocamento?' e 'De acordo com a música, como foi esse processo para o migrante? Fácil ou com dificuldades? Quais?'. Essa discussão poderá seguir caminhos diferentes se aplicadas em turmas distintas, visto que os alunos irão responder de acordo com as suas vivências e conhecimentos adquiridos, portanto cabe ao professor conduzir a discussão, contextualizando-a.

Na etapa subsequente, o professor entregará aos alunos, em uma folha A4, quatro mapas que representam os principais fluxos migratórios internos do Brasil, os quais destacam aqueles compreendidos entre as décadas de 1950 até os anos 2000. A partir dos mapas, é preciso realizar uma breve explanação sobre os distintos fluxos migratórios

internos ao longo deste período histórico, apresentando sumariamente suas correlações com o decurso da urbanização e industrialização do país e suas consequências, como a ocorrência da intensificação do êxodo rural. Posteriormente, o professor irá solicitar aos alunos que, a partir da letra da canção 'Fotografia 3x4' tentem identificar trechos que retratem tais processos socioeconômicos e territoriais do personagem ali abordado.

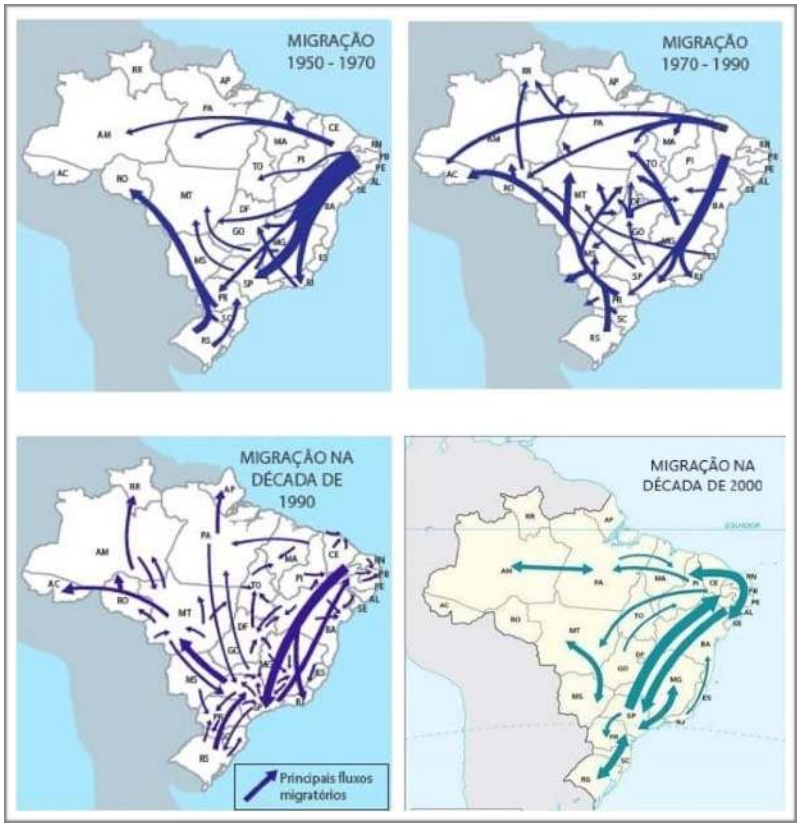


Figura 1: Representação dos fluxos migratórios internos, de 1950 a 2000
Fonte: UNIVERSIA ENEM

Para a conclusão da aula, será entregue aos alunos uma charge, impressa, que deverá ser analisada e interpretada em duplas pelos alunos. Estes serão instigados a correlacionar a charge com as duas últimas estrofes da música de Belchior. A partir das indagações dos alunos e das relações da charge com a música, o professor iniciará uma discussão sobre as dificuldades dos migrantes, evidenciando uma questão social de segregação que muitas vezes atinge essas pessoas. Além disso, é preciso debater também como os migrantes, historicamente, vêm sendo vítimas de preconceitos, exemplificando tal processo, a partir dos casos presentes nas diversas mídias, as quais o alunado tem acesso.



Figura 2: Charge representando as dificuldades de integração na cidade grande pelos imigrantes
Fonte: BRASIL ESCOLA

Para avaliar a proposta, será pedido aos alunos que produzam paródias[3] de uma música, sendo essa a sua escolha. Para a realização da atividade, será necessário que a sala divida-se em grupos de 3 a 4 alunos para a produção da paródia, quando os alunos terão como objetivo: retratar o conceito de migração interna e seus correlatos ao longo da composição. Nessa atividade, os alunos deverão utilizar, pelo menos, duas palavras que foram abordadas durante a aula, como por exemplo: 'migração', 'migrantes', 'Nordeste', 'Sudeste', 'Centro-Oeste', 'Preconceito', 'Brasil', 'repulsão' e 'atração'. Na aula seguinte, cada grupo deverá fazer uma breve exposição da sua música para os demais alunos. Em seguida, ocorrerá um debate com os alunos sobre as próprias letras apresentadas, a fim de melhor elucidar a temática abordada nesta aula.

[3] Paródia consiste na recriação de uma obra já existente, a partir de um ponto de vista predominantemente cômico e/ou crítico, por exemplo.

Considerações finais

Em face ao exposto, evidencia-se que o atual modelo educacional ainda não tem acompanhado as mudanças e transformações emergentes em nossa sociedade. Com os avanços tecnológicos e o surgimento de novos recursos capazes de disseminarem conhecimentos que antes eram restritos ao ambiente escolar, esses, por sua vez, estão perdendo cada vez mais o brilho e interesse na perspectiva dos alunos. Somado a isso, chama-se a atenção também, a imensa dificuldade do Ensino de Geografia em abandonar a herança da Geografia Tradicional, a qual persiste nas práticas pedagógicas presentes nas salas de aulas brasileiras, transformando assim, a Geografia numa disciplina enfadonha, sem objetivo, e desconectada do cotidiano que os próprios alunos vivenciam.

Diante dessas circunstâncias, considerou-se adotar o uso de diversas linguagens no ensino como uma possibilidade de despertar o interesse dos alunos e aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, tendo como premissa, a ideia de que é preciso instigá-los e despertar a curiosidade pelos conhecimentos geográficos. Contudo, é importante ressaltar que tal artigo não buscou abordar o uso de diferentes linguagens como única e possível solução para resolver esses complexos problemas que constituem o ambiente escolar, mas sim, enfatizá-los como uma possibilidade de meio teórico-prático para abordar os conteúdos das diversas ciências que constituem o currículo, que neste caso, é a Geografia, a fim de que se possa transformar e potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

Desta maneira, nosso desejo central com esse artigo é contribuir com a prática docente de nossos colegas professores, ao disponibilizarmos detalhadamente uma proposta de aula com uso da linguagem musical. Além disso, almejamos que tal tarefa – a de compartilharmos nossas ideias e o plano de aula em si – supra, minimamente, a carência de trabalhos cujo enfoque seja o de apresentar a proposição de aulas, bem como instigue aos demais autores e leitores a divulgarem, também, outras aulas que se baseiem nas mais variadas formas de linguagens, a fim de seguirmos buscando novas alternativas para cativar os estudantes rumo aos encantos da Geografia.

Referências Bibliográficas

BELCHIOR, Antônio Carlos. **Fotografia 3x4**. Rio de Janeiro: 1976. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/132598/>. Acesso em: 08 de outubro de 2018.

BARBOSA, Tulio. A influência da geografia teorética-quantitativa na transformação teórica do conceito de natureza em recursos naturais nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental. **Geografia em Atos (Online)**, v. 1, n. 6, p. 76-89, 2006.

BIRA.GEO. **'Geografizando' Belchior:** A migração e o migrante na sociedade contemporânea. Disponível em: <http://birageo.blogspot.com/2011/03/geografizando-belchior-migracao-e-o.html>. Acesso em: 08 de outubro de 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

A migração no Brasil. Disponível em: <https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-migracao-nobrasil.htm>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais** do I Seminário Nacional: Currículo em movimento Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, p. 1-13, 2010.

GIARDINO, Cláudio *et al*. **Geografia nos dias de hoje**, 7º ano. (Coleção Geografia nos dias de hoje). 2 ed. São Paulo: Leya, 2015

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro; MENDONÇA, Cláudio. **Território e sociedade no mundo globalizado**, 3º volume. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; HOLGADO, Flávio Lopes. **Conhecendo novos sons, novos espaços:** a música como elemento didático para as aulas de geografia. Para Onde!?, v. 6, n. 2, p. 197-205.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SAMPAIO, Fernando dos Santos; MEDEIROS, Marlon Clovis. **Geração Alpha Geografia**, 7º Ano. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2017.

SARTORELLI, Alberto. **O Belchior que a crítica vulgar não viu.** Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/09/belchior-critica-vulgar.html>. Acesso em: 07 de dezembro de 2018.

SCHÄFFER, Neiva Otero *et al*. **Um globo em suas mãos**: práticas para sala de aula. 3ª. Ed. Penso Editora, 2011.

SOUZA, Débora Dantas. Ouvindo e cantarolando a Geografia: Trabalhando a música como recurso didático em sala de aula. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18., 2016, São Luís. **Anais...** São Luís: AGB, 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467654646_ARQUIVO_artigofinalengmusica2016paraenviar.pdf>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

STRAFORINI, Rafael. **A totalidade mundo nas primeiras séries do Ensino Fundamental:** um desafio a ser enfrentado. Terra Livre, São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, 2002, p. 95-114.

UNIVERSIA ENEM. **Fluxos Migratórios Internos no Brasil – Exercícios**. Disponível em: <http://www.universiaenem.com.br/sistema/faces/pagina/publica/conteudo/atividade.xhtml?redirect=67296262283663550116695472 3&e=4>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. As referências teóricas da geografia escolar e sua presença na investigação sobre as práticas de ensino. **Educativa**, v. 13, n. 2, p. 285-305, 2010.

Recebido em 17 de junho 2020.

Aceito para publicação em 23 de setembro 2020.